

Jorge Amado Bio-Grafado: Narrativas Sobre 1941-1942**Jorge Amado bio-graphed: narratives about 1941-1942**

Marina Siqueira Drey*

* Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis - SC, 88040-900,
e-mail: marinasiqueiradrey@gmail.com

Resumo: Por motivações políticas, Jorge Amado se exilou em 1941 e 1942 na Argentina e no Uruguai. Objetivamente, o escritor foi elaborar uma biografia de Luiz Carlos Prestes em consonância à campanha que pedia por sua anistia. Contextualmente, não era favorável escrever no Brasil devido à perseguição aos envolvidos com o Partido Comunista (PC), como era o caso de Amado, preso algumas vezes ao longo dos 1930. Assim, o autor se exilou e só retornou após a publicação de *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*. Nessa viagem nada o acompanhou, nenhum papel que levou, recolheu ou produziu no período de afastamento. Posteriormente, Amado (2006) afirmou que os acontecimentos do período em que manteve relação com o PC seguiriam em segredo. Todavia, cerca de 70 anos após o episódio 41-42, esse material passa a objeto de pesquisa, pois é doado pela filha da militante que o guardou. Assim, uma outra via de acesso se abre a pesquisadores e leitores interessados na vida de Amado; mas, a partir dessa realidade, surgem algumas indagações: “O que foi dito e se sabe até então?”, “Quais afirmações trazem as narrativas biográficas sobre Jorge Amado?”, “Em quais pontos essa documentação pode corroborar ou desestabilizar os discursos canônicos concernentes à vida desse escritor em 1941-1942?”. São esses questionamento que promovem a investigação deste artigo, que se propôs a mapear, a descrever e a cotejar informações trazidas sobre Jorge Amado em onze obras do espaço biográfico (ARFUCH, 2010).

Palavras-chave: Jorge Amado. Biografia. 1941-1942.

Abstract: For political reasons, Jorge Amado went into exile in 1941 and 1942 in Argentina and Uruguay. Objectively, the writer went on to prepare a biography of Luiz Carlos Prestes in line with the campaign asking for his amnesty. Contextually, it was not favorable to write in Brazil due to the persecution of those involved with the Communist Party (CP), as was the case with Amado, who was arrested a few times during the 1930s. Thus, the author went into exile and only returned after the publication of *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*. On this trip, nothing accompanied him, no paper he took, collected or produced during his absence. Subsequently, Amado (2006) stated that the events of the period in which he had a relationship with the CP would remain secret. However, about 70 years after episode 41-42, this material becomes the subject of research, as it is donated by the daughter of the militant who kept it. Thus, another way of access opens up to researchers and readers interested in Amado's life; but, from this reality, some questions arise: “What has been said and is known until then?”, “What statements bring the biographical narratives about Jorge Amado?”, “In what points can this documentation corroborate or destabilize the canonical discourses? concerning the life of that writer in 1941-1942?”. It is these questions that promote the investigation of this article, which proposed to map, describe and collate

information brought about Jorge Amado in eleven works in the biographical space (ARFUCH, 2010).

Keywords: Jorge Amado. Biography. 1941-1942.

INTRODUÇÃO

Em 1941-1942 Jorge Amado esteve exilado na Argentina e no Uruguai para redigir uma biografia de uma das principais personalidades políticas do país durante o século XX, Luiz Carlos Prestes, bem como para se afastar do cenário político da época, dado a perseguição do governo estadonovista de Getúlio Vargas aos simpatizantes da causa comunista. Na ocasião de partida, Amado já era conhecido como “escritor comuna”, sendo que em 1936 havia sido preso e em 1937, além de novamente encarcerado, teve 1640 exemplares de livros – entre *Capitães da Areia*, *Mar Morto*, *Cacau*, *Suor*, *Jubiabá* e o *País do Carnaval* – queimados publicamente; “Incinerados vários livros considerados propagandistas do credo vermelho”, dizia a manchete do Jornal do Estado da Bahia, de 17 de dezembro.

Foi partindo desse contexto que o autor apontou a necessidade de sair do país para escrever a biografia de Prestes, não somente para recolher informações, mas também porque parecia-lhe inviável permanecer no Brasil, conforme afirmou em entrevista à Alice Raillard (1990, p. 125), ao ser indagado acerca de uma obrigatoriedade no ato de partida em 1941:

Fui expressamente obrigado. As dificuldades, eram grandes, a situação se agravava muito em 39. Em 39, Vargas fizera uma série de discursos em Minas Gerais, onde tomou posição, colocando o Brasil praticamente ao lado do Eixo, das forças nazifascistas. Desde então a repressão foi muito forte, muito violenta, foi um momento em que o PC foi praticamente aniquilado, houve torturas e prisões em massa. Nos 39-40, eu era preso sem cessar [...]. E em 41, diante da decisão de escrever um livro sobre Prestes e da impossibilidade de fazê-lo no Brasil, fui para a Argentina, onde fiquei, sem passaporte. Deixei o Brasil sem quaisquer papeis, atravessei a fronteira e ali fiquei. Eu sequer tinha uma identidade. E lá, assim que cheguei, comecei a atuar politicamente; aliás, para mim era impossível retornar ao Brasil. Lá, eu escrevi.

“Lá” tanto escreveu quanto publicou *Vida de Luiz Carlos Prestes, el Caballero de la Esperanza*, que saiu pela Editora Claridad, em 1942. Após o governo brasileiro declarar apoio aos Aliados na Segunda Guerra, Amado retornou ao Brasil, mas não trouxe consigo material que produziu ou recolheu no período de exílio, boa escolha fez o autor, pois, como previa, foi preso dias depois do desembarque em Porto Alegre e encaminhado à

Casa de Correção (RJ). Dado o abandono dos papéis no Uruguai não houve, por consequência, compartilhamento desses documentos. Além disso, anos mais tarde, em seu livro de memórias, *Navegação de Cabotagem*, ele mesmo afirmou que nunca socializou, e sequer viria a socializar, os acontecimentos referentes ao intervalo de tempo em que manteve relação direta com o Partido¹. “Sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo” (AMADO, 2006, p.14), declarou.

No entanto, o Núcleo Literatura e Memória – NULIME, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, recebeu como doação para pesquisa acadêmica os papéis que pertenceram a Jorge Amado no exílio 1941-1942. Esses documentos foram doados pela filha de Rosa, militante comunista que os guardou por cerca de sete décadas e que tentou, segundo a herdeira, devolvê-los ao escritor, sem sucesso. A partir do recebimento desse material, hoje denominado Acervo Mala de Jorge Amado², uma outra janela se abriu a pesquisadores e leitores interessados na vida e na obra desse escritor, na medida em que uma nova via de acesso aos acontecimentos e produções de 1941-1942 se fez possível. Todavia, diante dessa possibilidade, surgiu a indagação: “Mas, afinal, o que foi dito até então? Quais afirmações elaboram as narrativas biográficas que tomam Jorge Amado como protagonista e, em que medida, a investigação nesse acervo literário pode corroborar ou desestabilizar os discursos canônicos concernentes à vida desse escritor no período de 1941-1942?”. Foram essas as perguntas que impulsionaram a investigação que será apresentada neste artigo, no qual me propus a mapear e a descrever as informações trazidas em publicações com cunho biográfico sobre Jorge Amado.

Para isso, foram selecionadas onze obras que serão mencionadas de acordo com o ano de publicação, da primeira à última. São elas: i) *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1961); ii) *Jorge Amado: Vida e Obra* (1961); iii) *Jorge Amado Povo e Terra: 40 anos de literatura* (1972); iv) *O Baiano Jorge Amado e sua obra* ([1980] 1982); v) *Jorge Amado: Literatura Comentada* (1981); vi) *Conversando com Jorge Amado* (1990); vii) *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (1992); viii) *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei* ([1992] 2006); ix) *Jorge Amado: Retrato Incompleto* (1993); x) *Cadernos de Literatura*

¹ O rompimento oficial de Jorge Amado com o PCB se deu somente na metade da década de 1950.

² O nome do arquivo é uma alusão à forma em que foram acondicionados os papéis: em uma mala. O Acervo tem 1.543 páginas, entre contratos editoriais, excertos de romances, poemas, correspondências, fotografias, artigos para jornais, textos proferidos em palestras, dentre outros.

Brasileira: Jorge Amado (1997); e xi) *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (2002).

A seleção do *corpus* se restringiu a publicações anteriores à publicização de informações do Acervo supracitado, a fim de localizar essencialmente obras que não tiveram acesso ao material do arquivo. Para identificar títulos – além dos que eu possuía inicialmente: cinco, das 11 obras –, fiz uso de ferramentas de intermediação entre sebos e compradores, especificamente, a Estante Virtual e o Livronauta, pois tais plataformas permitiam o acesso ao acervo de diversos sebos e livreiros, de norte a sul do país. Todavia embora essas ferramentas permitiam a busca por estantes virtuais para melhor delimitação do recorte, devido ao cadastro incorreto das obras (com erros no registro dos títulos e/ou gênero), precisei realizar uma pesquisa ampla, em todos os registros de livros das estantes; para isso, utilizei a entrada “Jorge Amado”, sem nenhum outro complemento. Dessa maneira foi possível identificar os outros seis livros.

1 O UNIVERSO BIOGRÁFICO: DA POSSIBILIDADE DE NARRAR UMA VIDA

Leonor Arfuch (2010) afirma que diversas narrativas de vida podem e devem ser legitimadas tanto quanto a biografia e a autobiografia. Segundo a autora, embora existam numerosas dessemelhanças entre os gêneros textuais relacionados às escritas de si, o cerne da pertinência de uma narrativa biográfica deve se alongar para além dos contornos fixados por esses gêneros já canonizados, uma vez que

A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas *contam*, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida. Inscrevem-se assim, para além do gênero em questão, numa das grandes divisões do discurso, a *narrativa*, e estão sujeitas, portanto, a certos procedimentos compositivos, entre eles, e prioritariamente, os que remetem ao eixo da temporalidade. Efetivamente, o que mais a atribuição (auto)biográfica supõe além da ancoragem imaginária num tempo ido, fantasiado, atual, prefigurado? (ARFUCH, 2010, p. 111, grifos da autora).

“Espaço biográfico”, no caso, como terminologia que emprestou de Philippe Lejeune para conceituar uma zona interdiscursiva na qual convivem outras valorações culturais, como o caderno de notas, a entrevista, o *blog* etc., que falam ao (auto)biográfico:

O empréstimo – na verdade, quase metafórico – se abria, no meu projeto, a outro desenvolvimento conceitual: uma espacialização [...] onde confluíam num dado momento formas dissimilares, suscetíveis de serem consideradas numa interdiscursividade sintomática, por si só significantes, mas sem renunciar a uma temporalização, a uma busca de heranças e genealogias, a postular relações de presença e ausência. (ARFUCH, 2010, p. 22).

Isto é, a noção em questão aparece como um lugar no qual distintos formatos de subjetivação se veem entrelaçados sem se resumirem a um somatório de gêneros, e sim a uma realidade em que uma subjetividade dialógica e plural se constrói, pois está ancorada em três pilares básicos: i) o da problematização da subjetividade de seus integrantes; ii) o da materialização da narração; e iii) o da troca entre os sujeitos – o *eu* e o *outro*.

Assim, em concordância com as reflexões de Arfuch (2010), é possível admitir o mapeamento e a descrição das onze obras do universo biográfico que compõe o *corpus* desse recorte, uma vez que a narrativa de vida do escritor foi registrada em outras “formas dissimilares” – para usar os termos de Arfuch (2010, p. 22) – que não os canônicos gêneros “autobiografia” e “biografia”, são elas: i) compêndio de homenagem à primeira obra de Amado³; ii) ensaio⁴; iii) entrevista⁵; iv) relato pessoal⁶; iv) publicações com mais de um recorte de gênero (cronologia, entrevista, ensaio, depoimentos etc.)⁷; e iv) memórias⁸.

2 O UNIVERSO BIOGRÁFICO: DA MATERIALIDADE DE NARRAR UMA VIDA

Jorge Amado: 30 anos de literatura (1), organizado pela Editora Martins, é uma publicação lançada em homenagem ao aniversário de *O País do Carnaval*, primeiro romance do escritor. A obra traz as seguintes informações sobre 1941-1942:

1941 – Junho – Jorge Amado desquitase da esposa.
 – Entrega à Martins os originais de *ABC de Castro Alves*.
 – Devido ao ambiente do Estado Novo, transfere-se para a Argentina.
 Encontra-se aí quando Martins publica, em agosto, o *ABC de Castro*

³ *Jorge Amado: 30 anos de literatura, Jorge Amado: Vida e Obra, e Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa.*

⁴ *Jorge Amado: Vida e Obra, e Jorge Amado: Retrato Incompleto.*

⁵ *Conversando com Jorge Amado.*

⁶ *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor.*

⁷ *O Baiano Jorge Amado e sua obra, Jorge Amado: Literatura Comentada, Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado.*

⁸ *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei.*

Alves, tornando-se, desde então, editora exclusiva de seus livros em português.

- Publicação, pela mesma editora, de *Brandão entre o mar e o amor*.
- O escritor colabora na Argentina, no jornal *A Crítica*, na revista *Sul* e outras publicações literárias importantes. Faz amizade com literatos e artistas argentinos e uruguaios e exilados espanhóis: Raul Gonzales Tuñon, José Portogallo, Jesualdo, Henrique Amorin, Rafael Alberti, Vitoria Ocampo, Maria Rosa Oliver, Hector Agosti.
- Começa a escrever *A Vida de Luís Carlos Prestes, O Cavaleiro da Esperança*. A tradução vai sendo feita, simultaneamente, capítulo a capítulo.
- 1942 – Ainda na Argentina, com períodos no Uruguai. Vive a essa época exclusivamente do que lhe dá o seu trabalho de escritor.
- *Vida de Luís Carlos Prestes* (O Cavaleiro da Esperança) é publicado em Buenos Aires, pela Editora Claridad – A mesma que já havia editado *Mar Morto e Cacau*.
- Escreve, no Uruguai, o romance *Terras do sem Fim*.
- Agosto – Entrada do Brasil na guerra.
- 8 de setembro – Resolve o escritor voltar ao Brasil, devido à guerra. Desembarca em Porto Alegre e dias depois é preso e enviado ao Rio.
- Novembro – Posto em liberdade, a polícia lhe dá como residência obrigatória a cidade de Salvador.
- Segue para a Bahia, viajando para o interior. Faz sua primeira viagem pelo São Francisco.
- 24 de dezembro – Chega a Salvador. Passa o Ano Novo na fazenda de seu pai. (MARTINS, 1961, p. 35-36).

Dessa passagem, destaco a preferência lexical por “transferir” no lugar de “exilar”, escolha que, a meu juízo, ambienta um movimento ameno, no sentido de desconsiderar a realidade do Estado Novo. Também nessa direção, considerando-se a forma como se redige o texto, faz parecer que Jorge Amado iniciou despreziosamente a escrita de *A Vida de Luiz Carlos Prestes*. O que, na prática, não se efetiva, pois a principal motivação para a sua ida aos vizinhos latino-americanos foi a elaboração da biografia do líder comunista a pedido do PCB.

No que diz respeito a 1942 chamo atenção para a afirmação de que o escritor residia na Argentina e passava “períodos” no Uruguai, dado não consensual entre as obras aqui mapeadas, como será visto adiante. Também não consensual é o dado sobre a escritura de *Terras do Sem Fim*, que, nessa obra, aparece como uma produção que ocorreu exclusivamente no Uruguai. Por fim, um adendo em relação à data de desquite com Matilde Garcia Rosa, primeira esposa do escritor: ele ocorreu em 1944 e não em 1941, como indicado.

Já Miécio Táci, em *Jorge Amado: Vida e Obra* (2), organiza sua publicação em ensaios temáticos. A respeito do entorno de 1941-1942 opina que:

Em 1939 Jorge Amado continuou a não nos dar nada. Passando a maior parte do ano em Estância uma cidadezinha do interior sergipano, o escritor de *Jubiabá* tem em preparo dois outros romances: *Sinhô Badaró*, que possivelmente será publicado em dois volumes e *Agonia da Noite*, um romance introspectivo. [...] *Agonia da Noite* não seria publicado; *Sinhô Badaró* se editaria em dois volumes, com títulos diferentes: *Terras do Sem Fim* (1942) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944). (TÁTI, 1961, p. 104-105).

Como se vê, o autor sugere que *Terras do Sem Fim* – romance publicado em 1943 – seja uma continuidade de *Sinhô Badaró*, texto iniciado em 1939. Além disso, destaco a informação referente a um possível romance intitulado *Agonia da Noite* que, como indica TÁTI, não chegou a ser publicado na ocasião. Especificamente, sobre os anos de 1941-1942, a obra fala:

Em maio de 1942, surgirá a edição argentina da *Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. A versão original, em língua portuguesa, editar-se-ia mais tarde, em 1945, mas o público brasileiro travaria contato com a obra clandestinamente, ainda naquele ano de 1942 [...] “Os exemplares aqui vendidos – conta-nos o Autor no Prefácio da Edição Brasileira – nunca chegaram a ser propriedade individual de alguém, viveram sempre de mão em mão. O povo se referia a este livro com os mais diversos nomes: *Vida de São Luís*, *Vida do Rei Luís*, *Travessuras de Luisinho* etc. [...] Na luta pela anistia, pela democracia e contra o Estado Novo, mas principalmente contra o fascismo, este livro foi uma arma.”

[...] Para escrever a *Vida de Luís Carlos Prestes*, Jorge Amado saiu do Brasil. “No clima policial do Estado Novo – diz ele – não era possível criar este livro. Tampouco publicá-lo.” E a vida de Prestes – sentia-o o romancista – precisava ser contada [...]. (TÁTI, 1961, p. 110-111).

Táti se ocupa em contextualizar a elaboração e o entorno de *Vida de Luiz Carlos Prestes* e com isso tanto a realidade do Estado Novo é reconhecida pelo autor do ensaio – que recupera o depoimento de Amado como elemento de autoridade – quanto os próprios desdobramentos dessa publicação que quis servir como “arma” na luta contra o fascismo.

A terceira narrativa biográfica em foco foi também publicada pela Editora Martins em homenagem a *O País do Carnaval*, agora pelos seus 40 anos. Denominada *Jorge Amado Povo e Terra: 40 anos de literatura* (3), a obra traz 18 autores, a exemplo de Miécio Táti, Tristão de Athayde e Antonio Candido, que abordam especialmente a produção literária de Amado. No que se relaciona a informações de vida, há dois ensaios. No primeiro, *Sobre o romancista Jorge Amado*, de Roger Bastide, há uma indicação cronológica, que diz: “[...] fixa residência em Buenos Aires, de 1941 até 1943; eleito

deputado em 1945 pelo partido comunista, em São Paulo, por ocasião da tentativa de democratização do Brasil, vê seu mandato cassado quando o Partido Comunista foi proibido por lei. Torna então a exilar-se [...]. (BASATIDE, 1972, p. 47).

Dessa passagem há um equívoco quanto à data de regresso de Amado, que ocorreu em 1942 e não 1943. Chamo atenção ainda para a construção da última oração do excerto “Torna então a exilar-se”, indicando que o autor localiza, portanto, o período de afastamento de 41 e 42 como um exílio e não apenas como uma “transferência”, como lemos na primeira obra organizada pela Martins Editora.

Mais adiante, no último ensaio do compêndio, *Jorge Amado: Notícia Biográfica*, de Renard Perez, consta que o escritor:

Em 1941, se desquita. Ainda em 1941, tendo em vista o ambiente do Estado Novo o escritor muda-se para a Argentina. (E aí se encontra com Editora Martins, fundada ano anterior, em São Paulo publica o *ABC de Castro Alves* e, pouco tempo depois *Brandão entre o Mar e o Amor*.) Em Buenos Aires, começa a colaborar na imprensa, iniciando, aí a publicação de *O Cavaleiro da Esperança*, cujos capítulos vão sendo traduzidos à medida que escreve; em 1942, a obra é lançada em volume nesse país. Ao mesmo tempo, passa temporadas no Uruguai, escreve, aí, o seu *Terras do Sem Fim*. Em setembro de 1942, com a entrada do Brasil na guerra (no mês anterior), decide Jorge Amado retornar ao país, fixando-se na Bahia. (PEREZ, 1972, p. 236).

Dessa passagem, ganha meu interesse: i) a impessoalidade com que se descreve a separação de Jorge Amado e Matilde Garcia, pois sequer se menciona o nome da primeira esposa; ii) a contextualização da mudança do escritor para a Argentina; iii) as colaborações de Amado na imprensa argentina; iv) a escrita de *O Cavaleiro da Esperança* e sua concomitante tradução; v) a publicação da biografia de Prestes em Buenos Aires; vi) a escrita de *Terras do Sem Fim* no Uruguai; vii) as “temporadas” do escritor no Uruguai; viii) a precisão do mês de retorno ao Brasil; ix) a menção direta de Amado na Bahia (sem a chegada em Porto Alegre).

No seu *O Baiano Jorge Amado e sua obra* (4) Paulo Tavares registra:

1941, mar. Conclui, no Rio, a *biografia ABC de Castro Alves*, cujos originais confia à Livraria Martins Editora, de São Paulo, recém-fundada, e que passa a ser editora exclusiva de seus livros no país. Ago. Transfere-se para a Argentina, devido às condições políticas do Estado Novo. Encontra-se em Buenos Aires quando é lançada, em São Paulo, pela Livraria Martins Editora, a biografia *ABC de Castro Alves*. Colabora no jornal “La Crítica” e na revista “Sud”, bem assim em outros órgãos literários portenhos, e faz amizade com literatos e artistas argentinos, uruguaios e espanhóis exilados: Gonzales Tuñon,

Portogallo, Jesualdo, Enrique Amarin, Maria Rosa Oliver, Vitória Ocampo, Rafael Alberti, Hector Agosti, etc. Escreve a biografia *A Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, cuja tradução vai sendo feita simultaneamente, capítulo a capítulo, por Pompeu Acióli Borges e publicada em folhetim na imprensa.

1942, jun. Ainda em Buenos Aires, com períodos em Montevidéu, vivendo de suas colaborações na imprensa. *A Vida de Luís Carlos Prestes* é publicada em livro, em tradução espanhola, pela Editora Claridad, de Buenos Aires. Ago. Em Montevidéu, ocupa-se em escrever parte de *Terras do Sem Fim*. Set. Desembarca em Porto Alegre, decidido a solidarizar-se com a entrada do Brasil na guerra antifascista. É preso e enviado ao Rio. (TAVARES, 1982, p.33-34).

O nome próprio “Pompeu Acióli Borges” que ganha ênfase nesse recorte, pois é a primeira vez, até então, que se denomina o tradutor da biografia de Prestes. Além disso, saliento a indicação do mês de partida para a Argentina, “agosto”. Também é pertinente a consciência da “transferência” do escritor à capital Buenos Aires: “condições políticas do Estado Novo.” Ainda, realço a presença da Editora Claridad, até então não citada. Por fim, a elaboração de *Terras do Sem Fim* no Uruguai, em agosto.

Seguindo a ordem das publicações, chego a *Jorge Amado: Literatura Comentada* (5), de organização de Álvaro Cardoso Gomes que, em “Entrevista Biográfica”, traz Amado:

Em 41, conversando com pessoas, gente do Partido, decidi escrever um livro sobre Prestes. Já pensando em uma campanha pela anistia. Como eu não tinha o material necessário aqui, eu saí do Brasil. Minha ideia era ir pro México, onde estava dona Leocádia Prestes. Mas cheguei à Argentina e fiquei, porque lá tinha o material necessário. Vivi entre a Argentina e o Uruguai, em 41 e 42. No Uruguai terminei *Terras do Sem Fim*. [...] Escrevi na Argentina, com o título *A Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. A edição argentina, da Editorial Claridad, entrava no Brasil em quantidades brutais. Mesmo em espanhol, circulava por todo o Brasil. Quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, nós fizemos uma reunião dos exilados – e eu já não podia voltar depois da publicação do livro sobre Prestes – de Buenos Aires e Montevidéu. (AMADO apud GOMES, 1981, p.19).

Em primeiro plano, julgo pertinente a colocação de Jorge Amado ao assumir que “decidiu escrever um livro sobre Prestes”, não fosse o complemento de “pensando em uma campanha pela anistia” – uma vez que esse era um projeto do Partido e não especialmente do escritor⁹ – poderia até parecer que a decisão foi pessoal, antes que uma

⁹ Para melhor compreensão do entorno que contextualiza esse recorte de tempo, é pertinente observar que o engajamento de Amado com o PCB ocorreu de forma difusa. Grosso modo, localizo três macro momentos desse engajamento: i) contexto marginalizado dentro Partido, pois começou na da Juventude Comunista, “linha” mais escamoteada da agremiação; ii) posteriormente, supervalorização do seu estereótipo como *escritor representante do povo* a fim de se explorar a noção de *escritor para o povo*, no sentido da função

motivação do Partido. Além disso, diz o autor, que saiu do país por não encontrar material necessário aqui, discurso que irá reelaborar anos mais tarde. Ainda em *Jorge Amado: Literatura Comentada*, na seção “Cronologia biográfica”, há que em: “[1941] Entrega ABC de Castro Alves à Editora Martins. Refugia-se na Argentina e começa a redigir a biografia de Prestes.” (GOMES, 1981, p. 36).

Seguidamente, em *Conversando com Jorge Amado* (6), Alice Raillard indaga o escritor a respeito do autoexílio 1941-1942. Quando ela pergunta sobre objetivo de escrever *O Cavaleiro da Esperança*, Jorge Amado responde que:

O objetivo fundamental era apoiar uma campanha em favor da anistia – a anistia de Prestes, que estava preso e fora condenado, e a anistia de todos os prisioneiros políticos e exilados. Quando decidi ir para Argentina, este movimento estava apenas no início. Terminou se afirmando como movimento pela democratização e como movimento antinazista. (AMADO, 1990, p. 125).

A entrevistadora insiste no período de tempo, questionando-o a respeito de seus relacionamentos, em resposta, recebe que:

Os exilados se encontravam lá, na Argentina, no Uruguai; formavam um grupo importante. Havia vários tipos de exilados. Exilados do PC, ou ligados ao PC, que em geral eram ex-oficiais. Sim, a maioria eram oficiais do exército que haviam participado do *putsch* de 35 e deixaram o Brasil em dado momento para participar da guerra da Espanha, oficiais que foram liberados durante seus processos, antes do julgamento, e que figuram do Brasil para a Argentina – havia o major Costa Leite, havia um grupo bastante grande. Também havia civis, membros do Partido, mas pouco numerosos; alguns se encontravam ali porque haviam sido condenados no Brasil e fugiram. Enfim, alguns eram simpatizantes, militares ou não, que haviam sido membros da ANL, mas que não eram membros do Partido, e eles também participavam de toda a vida política, que era muito intensa. Havia uma vida política intensa. E havia um outro grupo, de exilados liberais, entre os quais se encontrava Júlio Mesquita, prestigioso personagem, que estava ligado a Armando Salles de Oliveira. Eram pessoas de São Paulo que tinham apoiado a candidatura de Armando À presidência – Armando Salles estava nos Estados Unidos, Júlio Mesquita estava no Uruguai, e mantive com ele excelentes relações. Eu, um membro do Partido, frequentava o grupo de Armando Salles. Durante a guerra, fui o contato entre eles e o Partido. Assim que fiquei e me misturei a essa gente, travei relações de amizade com Júlio Mesquita Filho e com Julinho Mesquita, diretor e proprietário de *O Estado de São Paulo*,

pragmática que sua literatura desempenhou; iii) por fim, militância de dentro do círculo hegemônico do PCB; sendo que para chegar nesse *status* foi fundamental seu papel como escritor intelectual com grande apelo popular. Afinal, que principal função teria o “romancista do povo” senão a de espalhar para o mundo a história de seu herói? Não à toa, a campanha que o elegeu deputado (1945) tinha como *slogan*: “Para Deputado Federal Jorge Amado, romancista do povo”.

jornal apreendido por Vargas. Mais tarde, seus legítimos proprietários retomaram posse do jornal. E permaneci amigo de Júlio Mesquita até o fim de sua vida. Quando ele morreu, mandei um telegrama à família dizendo que ele fora um homem do qual se podia ser ao mesmo tempo adversário político e amigo. (AMADO, 1990, p. 126-127).

Por fim, Raillard (1990, p. 171) indaga: “Você acha que o fato de ter ficado vários anos sem escrever romances e de estar exilado teve influência sobre a violência de *Terras do Sem Fim*?”. Eis que o escritor responde:

Fui para a Argentina, escrevi o livro sobre Prestes, não parei de escrever, mas eu estava num contexto tão intenso de atividade política que não me sobrava tempo para a ficção. No momento exato em que foi lançado o livro sobre Prestes, isto é, quando o engajamento político que me fizera deixar o Brasil e ir para a Argentina e o Uruguai terminou, eu respirei. No Uruguai sentei-me diante da máquina de escrever e de um lance fiz *Terras do Sem Fim*. (AMADO, 1990, p. 172).

Seguindo, em *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (7), de Rosane Rubim e Maried Carneiro (orgs.), há registros sobre *Sinhô Badaró* e *Agonia da Noite*:

1939 – Deixa a revista “Dom Casmurro”. Publica capítulos de um romance que inicialmente se chamaria *Sinhô Badaró* que posteriormente passa a se chamar *Terras do Sem Fim*. (Dez.)

1940 – Começa a escrever *ABC de Castro Alves*. O 1º capítulo sai na revista “Diretrizes”, de fevereiro, com texto de apresentação do Editorial da revista. Tempos depois, a revista foi várias vezes apreendida. O jornal “A Notícia” anuncia como próximo livro do escritor o romance *Agonia da Noite*, o que não acontece. (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 38).

Quanto a 1941 e 1942, especificamente, o compêndio traz os seguintes dizeres:

1941 – É publicado em Ilhéus, de autoria de Jorge Amado, o livreto de 26 páginas intitulado *Castro Alves, o Lírico*, estudo crítico e biográfico lido no ginásio Municipal de Ilhéus em 1940, na edição “Vamos Ler!”, pela Empresa A Noite. Conclui *ABC de Castro Alves*, entrega os originais à Livraria Martins Editora que passa a ser a editora exclusiva de seus livros. (mar.) Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa campanha pela anistia. Sai do Brasil em busca de material para o livro. Vive entre 1941 e 1942 na Argentina e no Uruguai, pesquisando. É lançado o *ABC de Castro Alves*, em São Paulo, pela Livraria Martins Editora. Inicialmente sua venda é proibida, mas com o compromisso de não divulga-lo, o seu editor consegue liberá-lo. Na ocasião do lançamento, o autor encontra-se em Buenos Aires, onde colabora com o jornal “La Critica” e na revista “Sud”. (ago.) Adaptação radiofônica de *Mar Morto* em espanhol, pela Rádio El Mundo, em Buenos Aires. O livro sobre Prestes é concluído na Argentina com o

título de *A Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. À medida que vai escrevendo, Pompeu Acioli Borges faz a tradução simultânea para o espanhol.

1942 – Continua em Buenos Aires, onde vive às custas de suas colaborações em periódicos. Publica *A Vida de Luís Carlos Prestes* pela Editora Claridad, de Buenos Aires. Mesmo em espanhol, o livro era muito vendido no Brasil, onde entrava clandestinamente. Era vendido no câmbio negro e sua posse dava cadeia. (jun.). Em São Paulo é publicado o livro *Brandão entre o Mar e o Amor*, pela Livraria Martins Editora. Começa a escrever *Terras do Sem Fim*, em Montevidéu. (ago.) Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, decide voltar a seus país, desembarcando em Porto Alegre, onde é preso e enviado ao Rio de Janeiro. (8 de set.) No Rio, é solto, mas enviado pela polícia para Salvador, onde fica confinado. (nov.) *Mar Morto* é lançado em inglês, pela Houghton & Muffin, Boston, EUA. (RUBIM, CARNEIRO, 1992, p. 39).

Como se nota já em primeira leitura, *Jorge Amado 80 anos de vida e obra* (7) é a obra mais detalhada, até então, em termos de reunião de dados a respeito dos anos do exílio o que pode ser justificado em razão de sua proposição em se organizar como um subsídio de pesquisa. Lembro que a indicação de referências bibliográficas das autoras é tão somente a Fundação Casa de Jorge Amado¹⁰, o que me faz supor que: i) esses são os esclarecimentos que a instituição tem conhecimento; ou ii) esses são os esclarecimentos que se quiseram ser vistos pela Fundação, tendo em vista a lógica do arconte em organizar cisões e recortes nos acervos¹¹.

Seguindo, no que concerne à *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei* (8), livro em que Jorge Amado conta episódios de sua vida, há seis rememorações dos anos de 1941-1942. Dessas passagens, nem todas tratam de acontecimentos em que ele esteve fora do país, a exemplo do primeiro registro, que data de 1942, mas relembra o episódio em que foi preso no Rio de Janeiro e, portanto, já regresso do exílio¹². O segundo, também em 42, registra uma vivência de Amado ainda em Buenos Aires:

Vou visitar Júlio de Mesquita Filho para comunicar-lhe a decisão tomada na reunião de Montevidéu pelos exilados comunistas, ratificada na véspera em Buenos Aires: dado que o Brasil declarou guerra ao eixo nazifascistas, colocou-se ao lado das Nações Unidas, nosso lugar, nosso

¹⁰ “[...] foi idealizada e instituída com o objetivo de preservar e estudar os acervos bibliográficos e artísticos do escritor Jorge Amado.” (FCJA, 2020, on-line).

¹¹ Jacques Derrida, em *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana* ([1995] 2001), defende que todo arquivo implica a efetivação de uma instância de autoridade, dado que está subordinado àquele que o arquiva, o arconte.

¹² Este excerto é o da noite em que fora solto: “Somos os seis comunas que, juntamente com mais uma quarentena de exilados, voltaram para a pátria, entregaram-se, quando o governo brasileiro declarou guerra ao eixo nazifascista [...]”. (AMADO, 2006, p. 47).

posto de combates é na pátria, o tempo do exílio terminou, a nova tarefa é ajudar o governo no esforço de guerra. Recito meu relambrório com convicção e jactância, Julinho Mesquita, ouve-me com boa educação e ceticismo:

– Vocês vão se entregar à polícia? É demais. Discutimos, cada vez mais que nos encontramos discutimos, mas ao cabo e ao fim chegamos a alguma concordância, mesmo pequena é valiosa. Não daquela vez da despedida.

– Gesto bonito pode ser, mas tresloucado. – Julinho me fita com comiseração, profetiza: – Vocês ainda vão virar getulistas.

Não deu outra. A “linha justa” do Partido aprovada na Conferência da Mantiqueira iria nos conduzir à aliança com os quemistas, aos braços de Getúlio. Digo até breve, ele me pergunta se pode me ser útil, está às ordens, só falta puxar da carteira, agradeço, de nada necessito. Renovamos as expressões de estima, regresso a Montevideú, a partida para o Brasil já tem data marcada. Meu relacionamento com Júlio de Mesquita se iniciou em 1941 quando cheguei a Buenos Aires para escrever *O Cavaleiro da Esperança* e o Partido Comunista me deu a tarefa de tratar com *os liberalóides, a gente de Armando Sales de Oliveira*, a hora era de alianças na luta contra o fascismo e de convivência com os políticos que rotulávamos de liberais com menosprezo e desconfiança. De início apenas cordial, com o passar do tempo e a repetição dos encontros, o conhecimento se transformou em estima, deu lugar à amizade. Julinho liderava o grupo de exilados que na Argentina combatiam o Estado Novo sob a orientação de Armando Sales, o ex-candidato à Presidência da República encontrava-se nos Estados Unidos. O *Estado de S. Paulo* fora desapropriado, o governo o chamara a si, de trincheira da liberdade passara a porta-voz da ditadura, Julinho se mantinha ofendido e colérico. O *Estadão* mais que patrimônio da família Mesquita, era patrimônio da democracia brasileira. Entre nós se estabeleceu um clima de mútua confiança, a fidalguia do quatrocentão paulista venceu meu pé-atrás, durante cerca de dois anos de quando em quando discutíamos política, pesávamos nossos acordos e desacordos, estudávamos o que fazer juntos, eles e nós, não mais nos estranhávamos, deixamos de ser inimigos. Julinho acompanhou com interesse a pesquisa em que me empenhei para escrever a louvação do Cavaleiro da Esperança, recomendou-me livros, lembro-me de um deles, de autoria de Aureliano Leite de quem eu viria a ser colega na Constituinte. Levei para Julinho um dos primeiros exemplares da edição Claridad de *La Vida de Luiz Carlos Prestes*. O político e jornalista da Revolução Constitucionalista guardara admiração e o afeto pela figura legendária de Prestes a quem tratava por Capitão – a patente do jovem oficial quando se revoltou em 1924. Um elo a mais a nos unir, a facilitar a convivência. Éramos homens de princípio os dois, mas não éramos nem intransigentes nem sectários. A diferença consistia em ser ele educado e eu um porra-louca, mas Julinho achava divertida minha insolência comunista. (AMADO, 2006, p. 53-54, grifos do autor).

Desse longo registro, observo que, além da informação de que o autor escrevera uma biografia sobre Luiz Carlos Prestes a mando do PC, há a declaração que nos induz à consideração de que havia um movimento do Partido no qual Amado era partícipe ativo, ademais, nada. Nada além de um depoimento que se estende em um número considerável

de linhas, para o registro de um relato de amizade, que é importante, evidentemente, mas não nesse contexto que intui descobertas do espaço de tempo em questão. Quero dizer, considerando-se que esse é um livro escrito pelo próprio Jorge Amado, esperava-se maiores informações em relação ao episódio de tempo em questão.

Na terceira vez em que o ano de 1941 ou o ano de 1942 são mencionados no livro de memórias, o autor ainda não havia embarcado para fora do país, pois essa lembrança, de 1941, tem como local de indicação Curitiba: “[1941] Maria a Chinesa desembarca com armas e bagagens na cama do hotel de Curitiba, aproveitamos cada minuto da noite de esponsais, agora e sempre, ai cu ladrão!” (AMADO, 2006, p. 67). “Maria a Chinesa” também é a personagem que aparece no registro de “Buenos Aires, 1942”, que diz: “Maria a Chinesa arrecada armas e bagagens, amanhã irá embora, aproveitamos cada minuto da noite de despedida, agora e nunca mais, ai cu ladrão!” (AMADO, 2006, p. 67). Em relação ao nome dessa mulher, vale a informação nas páginas iniciais de *Navegação*:

[...] nomes de mulheres foram, por um motivo ou outro, substituídos pelo nome único de Maria, nenhum mais belo: Maria cada uma, todas elas, passageiras embarcadas nas escalas, sombras fugidas no cais do porto, de porto em porto, ciranda do velho marinheiro. (AMADO, 2006, p. 09-10).

Assim, dessas anotações, nada há além da presença de e *uma* Maria – pela impossibilidade da definição do artigo que ele mesmo impôs –, e da observação de que Jorge Amado era casado nessa época com Matilde Garcia Rosa, o que faz dessa memória, em vista disso, um depoimento de um relacionamento extraconjugal.

A quinta e a sexta passagens são de 1942, ambas; a primeira¹³ utiliza-se de quase duas páginas para descrever seu retorno ao Brasil e alguns desdobramentos desse episódio, à outra coube a história que inicia com a “homenagem de despedida em Montevideú aos exilados brasileiros que regressam à pátria” (AMADO, 2006, p. 295) – na qual foi incumbido de uma missão para assim que chegasse em Porto Alegre – e termina com o ainda há pouco exilado indo dormir com uma calcinha de Maria Condessa dos Seios de Limão.

No espaço entre essas ações, encontra-se a informação de que a tentativa de negociação que caberia ao escritor fora cumprida: encontrar o general Cordeiro de Farias

¹³ “Posto em liberdade, após alguns meses de xadrez, a polícia política dá-me oito dias para sair do Rio, ir para Bahia, cidade onde devo permanecer com residência obrigatória e obrigatória apresentação à Delegacia de Ordem Política e Social uma vez por semana – jamais me apresentei. [...]” (AMADO, 2006, p. 249).

e “explicar-lhe a posição dos comunistas solidários com o governo de Getúlio na guerra contra o Eixo e lhe dizer como seria desejável e útil que ele [...] fizesse uma visita a Prestes de quem se proclama amigo.” (AMADO, 2006, p. 296). Pouco tempo depois, Amado é preso e enviado ao Rio de Janeiro.

Seguindo a ordenação das obras, em *Jorge Amado: Retrato Incompleto* (9), de Itazil Benício, vemos um apagamento de 1941 e 1942, pois o autor simplesmente ignora a ida de Amado ao exterior e, para não dizer que não cita em nenhum momento esse intervalo de tempo, menciona: “Depois de *Capitães da Areia* (1937), só em 1942 viria a publicar outro romance, *Terras do Sem Fim*, que seria seguido por *São Jorge dos Ilhéus* (1944) e *Seara vermelha* (1946).” (SANTOS, 1993, p. 137). Que dizer, além de não fazer referência alguma ao exílio, apresenta dados errados, já que *Terras do Sem Fim* foi publicado em 1943 e não em 1942.

Rápida e sintética, por sua vez, é a passagem que *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10), assinada pelo Instituto Moreira Salles, oferece ao leitor:

1941 Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes, pensando numa possível campanha por sua anistia. Viaja para o Uruguai a fim de recolher material; também faz pesquisas sobre o tema na Argentina. Lança *ABC de Castro Alves*, que marca o início de seu contrato com a Livraria Martins Editora, de São Paulo (seus últimos livros vinham saindo pela José Olympio).

1942 Publica em Buenos Aires *A vida de Luís Carlos Prestes*. Embora editado em espanhol, o livro é vendido clandestinamente no Brasil. Volta ao país, mas é preso ao desembarcar em Porto Alegre. De lá é enviado para o Rio. Não permanece, porém, na então capital federal: a polícia decide despachá-lo para Salvador, onde fica confinado. (CADERNOS, 1997, p. 12-13).

Destaco a sugestão de que Jorge Amado decidiu, por si, escrever a biografia de Prestes. Além disso, também é relevante chamar atenção para a indicação da ida do escritor que, segundo a obra, partiu ao Uruguai com períodos de pesquisa na Argentina.

Por fim, em *Um Baiano Romântico e sensual: três relatos de amor* (11), assinado pela família do escritor – Zélia Gattai, Paloma e João Jorge Amado – há as seguintes anotações de Zélia Gattai no seu *Ai, que saudades de Jorge!*:

Estivera dois anos exilado na Argentina e no Uruguai, depois de ser preso por suas ideias políticas, sua luta pela liberdade de pensamento e contra o nazifacismo. [...] Jorge Amado encontrava-se exilado na Argentina e no Uruguai. Lá escrevera *Vida de Luís Carlos Prestes*, que depois recebeu o título de *O Cavaleiro da Esperança*, e *Terras do sem fim*. O livro sobre Prestes só fora editado em espanhol. Em português, nem pensar! Qual editor que se arriscaria, no Brasil, a ter a edição

apreendida? Os livros em castelhano entravam clandestinamente. [...] Ao saber que Getúlio Vargas apoiara os americanos contra o eixo nazifascista, Jorge e o grupo de amigos, também exilados, decidiram voltar para o Brasil. Diante da nova situação, nada de mal lhes poderia acontecer; ao contrário, deviam até ser bem recebidos, poderiam colaborar na luta, ajudar a liquidar de vez aquela guerra odiosa. Bem recebidos? Foi o que logicamente imaginara. Embora o governo tivesse apoiado os aliados, o regime brasileiro ainda não mudara e, ao chegar a Porto Alegre, Jorge foi preso. Levado de trem, um tira ao lado, viajou até o Rio de Janeiro, indo direto para a Casa de Correção, onde permaneceu três meses. Daí o enviaram à Bahia, como residência obrigatória, sem permissão de sair da cidade. Em Salvador, retomou sua atividade jornalística, colaborando no jornal *O Imparcial*, com uma longa série de crônicas sobre a guerra, escreveu ainda um romance, *São Jorge dos Ilhéus*, e iniciava outro, *Bahia de Todos os Santos*, quando, no final de 1944, viajou para São Paulo. (GATTAI, 2012, p. 12-14).

Dessa passagem, chama a atenção a contextualização elaborada por Zélia Gattai de um período anterior a seu relacionamento com o autor, indicando um possível acompanhamento da “fã” ciente dos passos do escritor por quem nutria admiração. Por outro lado, edifica-se o discurso da esposa que detém o conhecimento “do todo” da vida do marido, com destaque para a desenvoltura com que aborda essas passagens, segura de que o que registra aconteceu, mesmo que no período ainda não formassem um casal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS

A partir da leitura dos excertos acima reproduzidos, vê-se que muitas informações não são consensuais a respeito do período em que Jorge Amado esteve nos vizinhos latinoamericanos nos primeiros anos da década de 1940. As divergências iniciam desde o reconhecimento desse exílio, já que muitas obras sequer o consideram como tal: i) “transfere-se para a Argentina”; ii) “muda-se para a Argentina”; iii) “Vive entre 1941 e 1942 na Argentina e no Uruguai, pesquisando”, dizem as obras que se inserem no grupo das edições comemorativas da obra de Jorge Amado (1,3,7), por exemplo.

É interessante que essa “amenidade” na descrição do exílio está presente em livros com diferentes propósitos e públicos, isto é, se não espanta *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) e *Jorge Amado Povo e Terra: 40 anos de literatura* (3) localizarem os anos supracitados como “transferência” e “mudança”, o mesmo não ocorre quando *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (7) diz apenas que o escritor “Vive” pesquisando na Argentina e no Uruguai. Isso porque os dois primeiros inserem-

se num contexto mercadológico e não escondem seu propósito de venda, são “edições comemorativas” afinal de contas. No entanto, o mesmo não se dá na terceira obra, elaborada com o intuito de atender a pesquisadores da produção intelectual e da vida do escritor. É verdade que o livro continua trazendo a mais completa fonte de informações quantitativas, mas, por outro lado, com escolhas de registro como a citada, peca em diminuir (ou em não deixar claro) o contexto da partida em questão.

Também ganham destaque os dados referentes à produção criativa do autor em 1941-1942. Vê-se que há menções a dois romances nesse período, *Terras do Sem Fim* e *Agonia da Noite*. O primeiro é o que mais gera dissenso, na medida em que diferentes considerações são apresentadas sobre esse romance, como em: i) “*Sinhô Badaró* se editaria em dois volumes, com títulos diferentes: *Terras do Sem Fim* (1942) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944)”; ii) “só em 1942 viria a publicar outro romance, *Terras do Sem Fim*”; iii) “No Uruguai sentei-me diante da máquina de escrever e de um lance fiz *Terras do Sem Fim*”; iv) “Jorge Amado encontrava-se exilado na Argentina e no Uruguai. Lá escrevera [...] *O Cavaleiro da Esperança* e *Terras do Sem Fim*”; v) “No Uruguai terminei *Terras do Sem Fim*”. Essas passagens, respectivamente de *Jorge Amado: Vida e Obra* (2), *Jorge Amado: Retrato Incompleto* (9), *Conversando com Jorge Amado* (6), *Um Baiano Romântico e sensual: três relatos de amor* (11) e *Jorge Amado: Literatura Comentada* (5), registram o fato de que o processo de escritura desse romance é controverso até mesmo nos depoimentos do próprio escritor, considerando-se que ele localiza o Uruguai tanto como local de elaboração total do livro quanto como local de término do livro, abrindo precedente para se questionar o início dessa produção.

Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa (7) e *Jorge Amado: Vida e Obra* (2) mencionam a elaboração de uma publicação que se chamaria *Agonia da Noite*, mas que acabou não sendo lançada: i) “*Agonia da Noite*, um romance introspectivo [...], não seria publicado”; ii) “O jornal ‘A Notícia’ anuncia como próximo livro do escritor o romance *Agonia da Noite*, o que não acontece”. Além disso, três das obras sinalizam que o escritor trabalhou publicando textos em periódicos no exílio: *Jorge Amado Povo e Terra: 40 anos de literatura* (3), com Renard Perez, coloca que: “Em Buenos Aires, começa a colaborar na imprensa”, *O Baiano Jorge Amado e sua obra* (4) afirma que Amado “Colabora no jornal ‘La Crítica’ e na revista ‘Sud’”, bem assim em outros órgãos literários portenhos.” e, por fim, *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa* (7), informa que em Buenos Aires o escritor colaborou “com o jornal ‘La Critica’ e na revista ‘Sud’”.

Ainda no que toca à produção literária do escritor no período, vê-se que as informações a respeito da biografia não são unânimes entre as narrativas, como em: i) “O objetivo fundamental era apoiar uma campanha em favor da anistia”; ii) “Escreve a biografia *A Vida de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*, cuja tradução vai sendo feita simultaneamente, capítulo a capítulo, por Pompeu Acióli Borges”; iii) “Decide escrever um livro sobre Luís Carlos Prestes [...] Viaja para o Uruguai a fim de recolher material; também faz pesquisas sobre o tema na Argentina”. Tais passagens, de *Conversando com Jorge Amado* (6), *O Baiano Jorge Amado e sua obra* (4) e *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado* (10), mostram que há diferentes marcações de intenções e motivações a respeito da elaboração da biografia. Enquanto o primeiro excerto (6) é de Amado afirmando que redigiu a obra em função de uma tarefa política, pois objetivava a anistia de Prestes, o fragmento seguinte (4) deixa em aberto a intenção da elaboração da biografia, mas registra, por seu turno, que foi traduzida simultaneamente por Pompeu Acciolly Borges. Já o último recorte (10), dá a entender que a ideia da biografia partiu do próprio escritor e afirma que ele foi inicialmente para o Uruguai coletar material para a obra. Juntas, tais considerações colocam duas questões: a menção a Tomás Pompeu Borges, tradutor da biografia de Prestes para o espanhol, pouquíssimo citado; e a informação de *Cadernos* ao afirmar que Amado foi ao Uruguai, onde permaneceu, passando somente a título de pesquisa pela Argentina.

Finalmente, chamo atenção para o fato de que nenhuma das obras chegou a cogitar a presença de Matilde Garcia Rosa no exílio com Jorge Amado, fosse em 1941, fosse em 1942; e, equivocadamente, *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) registrou 1941 como data de desquite do casal. Mas, por outro lado, em *Navegação de Cabotagem* (8) Jorge Amado sugeriu ter vivido um relacionamento extraconjugal com “Maria a Chinesa”. Nas publicações, foi possível identificar alguns nomes relacionados ao círculo do escritor no exterior. Ocorre que tanto em *Jorge Amado: 30 anos de literatura* (1) quanto em *O Baiano Jorge Amado e sua obra* (4) as mesmas menções foram feitas. São elas: Gonzales Tuñon, José Portogallo, Jesualdo, Henrique Amorin, Rafael Alberti, Vitoria Ocampo, Maria Rosa Oliver, Hector Agosti.

Assim, a partir das observações redigidas, é possível afirmar, pelo menos, dez questões a respeito do que trazem as narrativas biográficas sobre 1941-1942 na vida de Jorge Amado e o que pode trazer, concordando ou refutando, uma produção ancorada no acervo supracitado: i) não é consenso entre as obras os anos de 1941 e 1942 serem tomados como um exílio político; ii) não existe acordo sobre a ordenação de chegada de

Jorge Amado na Argentina e no Uruguai, alguns localizam este como primeiro país em que o escritor desembarcou e outros marcam aquele como ponto de partida; iii) os dados sobre a elaboração de *Terras do Sem Fim* não são precisos, são distintas as informações sobre o período e o local de escritura do romance; iv) menciona-se uma possível elaboração de um romance que se chamaria *Agonia da Noite*; v) Matilde Garcia Rosa não foi mencionada uma única vez no contexto do exílio, de forma que não se cogitou, em nenhum momento, sua presença com Amado durante tal afastamento político; vi) nenhum autor, excetuando-se o próprio Amado, indicou a presença de algum relacionamento amoroso no exílio; vii) Tomás Pompeu de Acioli Borges, tradutor da biografia de Prestes foi pouquíssimo citado nos textos, o que faz cogitar que ele e Amado mantiveram envolvimento profissional, somente; viii) o escritor não fez circular sua intenção de ir ao México, junto da mãe de Prestes, Leocádia; ix) foi de conhecimento comum Amado ter colaborado em periódicos locais; e x) alguns nomes de intelectuais latino-americanos e companheiros de militância se repetiram em duas narrativas, indicando um desconhecimento mais largo no que diz respeito ao círculo de contato do escritor no período.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. IN: RAILLARD. Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro, Record. 1990.
- AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.
- BASTIDE, Roger. Sobre o Romancista Jorge Amado. IN: MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado Povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972.
- CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Jorge Amado. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 3, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=24 Acesso em: 25/10/2020.
- GATTAI, Zélia. Ai, que saudades de Jorge! IN: GATTAI, Zélia (org.). *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GOMES, Álvaro Cardoso (org.). *Jorge Amado: Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1981.
- MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado: 30 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1961.

MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado Povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972.

PEREZ, Renard. Notícia Biográfica. IN: MARTINS, José de Barros (org.). *Jorge Amado Povo e terra: 40 anos de literatura*. São Paulo, Martins, 1972.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro, Record, 1990.

RUBIM, Rosane. CARNEIRO, Maried (orgs.). *Jorge Amado 80 anos de vida e obra: subsídios para pesquisa*. Salvador: Casa das Palavras, 1992.

SANTOS, Itazil Benício dos. *Jorge Amado: Retrato Incompleto*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: Vida e Obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

TAVARES, Paulo. *O Baiano Jorge Amado e sua obra*. Rio de Janeiro: Record, 1982.

Data de recebimento: 01/11/2020

Data de aprovação: 06/12/2021